

UMA CRIANÇA ESTÁ RINDO

Aluna: Akemi Aoki

Orientadora: Rosana Kohl Bines

Introdução

Este ensaio é produto do segundo ano de pesquisa com a professora Rosana Kohl Bines, que tem como foco as relações entre infância, violência e literatura.

No primeiro ano (2009-2010), apresentei um trabalho de análise bastante pontual do livro “Feras de lugar nenhum”, de Uzodinma Iweala, romance narrado em primeira pessoa por Agu, um menino-soldado em situação de guerra civil africana. A partir desta obra, procurei pensar o narrador-criança como estratégia narrativa vigorosa para histórias de guerra, de violência pungente, refletindo sobre os impasses da linguagem, tendo em vista as discussões literárias em relação aos limites de representação da catástrofe. Aproximei a guerra e a infância, instâncias inicialmente antagonicas, a partir do homônimo *infante*, presente na semântica tanto do campo de batalha, o infante da infantaria (soldado que combate a pé), quanto da creche, a criança que ainda não fala. Propus que estes dois lugares crus, selvagens (guerra e infância) parecem se avizinhar ali onde a linguagem falha: no mutismo das situações de horror e no momento *infans* da vida humana, ainda sem domínio da linguagem, quando é então preciso lançar mão de outros instrumentos de contato, de desbravamento do mundo, para estar nele *de alguma forma* e sobreviver.

Neste segundo ano, saímos das trilhas da guerra e procuramos respiro numa perspectiva completamente oposta, a do riso. A intenção inicial era a de mapear obras que tratassem do tema da criança à beira da morte por uma veia cômica, na linha de “The Gashlycrumb Tinies”, de Edward Gorey, livro-alfabeto ilustrado em que cada criança tem um fim tragicômico (A de Amy que rolou pelas escadas, J de James que tomou água sanitária, K de Kate que foi atingida por um machado etc), ou ainda da parlenda brasileira “Tangolomango”, sobre nove irmãs que vão sendo aniquiladas, uma por uma, condenadas por nada mais que rimas, que carregam de afinidade apenas a sonoridade dos significantes enquanto, por outro lado, há uma completa arbitrariedade quanto ao significado: Eram nove irmãs numa casa, uma foi fazer biscoito. Deu tangolomango nela e das nove ficaram oito / Eram oito irmãs numa casa, uma foi amolar canivete. Deu tangolomango nela e das oito ficaram sete / Eram sete irmãs numa casa, uma foi falar inglês. Deu tangolomango nela e das sete ficaram seis [...].

No entanto, nos caminhos sempre labirínticos de qualquer pesquisa, acabei me desviando ligeiramente deste primeiro objetivo e o que apresentarei neste trabalho serão inquietações mais espichadas, bandeadas para o lado da Filosofia, acerca das imbricações entre o riso, a morte, a infância, a linguagem e a literatura, num ensaio que se pretende um espaço quase terapêutico para inquietações da jovem pesquisadora. No miolo do texto, passarei um pouco mais pontualmente pela Terra do Nunca, através de uma releitura de “Peter Pan”, proposta professora Kimberley Reynolds e que nos será, aqui, bastante cara. Contudo, ao fim e ao cabo, este ensaio será antes composto por linhas de apresentação de problemas, interlocução crítica e desassossegos próprios do que por um argumento bem articulado até um ponto final mais ou menos confortável. Trata-se de uma pesquisa em reticências.

A linguagem e o sujeito

Em Letras, é imperativo que se tenha como chão a Linguagem. Esta senhora, que se impõe marcadamente no pensamento de filósofos como Nietzsche e Foucault, ergue-se com um papel demiúrgico e passa a figurar no centro dos assuntos humanos. Em vez de a vida ser autônoma em relação à linguagem, que seria apenas um instrumento mais ou menos bem adestrado para *representarmos* as coisas do mundo, a vida se faz *nela*. Ou seja, ela deixa de apenas *representar* para *construir*. Mais que isso, para *fazer existir*, na medida em que a própria existência das coisas está íntima e biblicamente ligada à nomeação, se acreditarmos que Deus constrói o mundo *dizendo* (“Deus disse: ‘Faça-se a luz!’ E a luz se fez”). Nos domínios da Literatura e da Filosofia da Linguagem que enxergam a linguagem à medida de Deus, a criança aparece como um trambolho curioso e fértil, uma vez que é o habitante natural do espaço *infans* da vida humana, do espaço dos lapsos, das falhas, do mutismo, da gagueira, enfim, do *sem palavras*. A infância toma uma dimensão filosófica efervescente quando pensamos em situações-limite em que a linguagem falta, em que as palavras não comparecem à boca. É nesse vão que uma criança emerge no adulto, que uma infância delata a racionalidade como insuficiente para sustentar o sujeito erguido em duas pernas: algumas vezes o *sujeito* se dobra, o *homem* volta a ficar de quatro e engatinha. Mas o engatinhar não é confortável à razão, é um movimento retrógrado que nos reaproxima do animal, que nos mata enquanto sujeitos.

Maurice Blanchot, em “A escrita do desastre”, condenou a criança à morte: a infância seria um momento em que a criança está mergulhada na morte, uma vez que, ainda sem linguagem, ela não tem os subsídios para constituir uma subjetividade. Admito que a metáfora radical cumpriu seu papel enquanto estratégia discursiva de choque. Mas sendo a metáfora uma força argumentativa titânica, a imagem do *infans* defunto é inquietante a ponto não só de me impressionar, mas de me levar a querer virá-la do avesso, a resgatar a criança do mergulho na morte e colocá-la mais próxima da vida do que qualquer sujeito que tagarela, pensando até que ponto esse deslocamento modifica também as maneiras de olhar a própria Literatura.

O riso e as fadas

Considero válido retomar aqui a idéia de que antes da linguagem firme, há o choro e o riso. O homem não nasce falando como o pinto nasce piando, o homem nasce chorando e, depois de passada a dor de nascer, ele ri¹. Não deve ser à toa que se cristalizaram as expressões “chorar como um bebê” e “rir como uma criança”. Nos adultos, possuidores de linguagem e de subjetividade, as lágrimas e as gargalhadas tendem a diminuir em relação à época em que essas eram nossas formas mais potentes de expressão, formas que vão sendo gradativamente substituídas por palavras inteligíveis e suficientes para, em tese, conseguirmos o que queremos do mundo. Porém – e esse é o ponto que impulsiona os pensadores em direção a infância – e quando essas palavras simplesmente não chegam? Quando se formam lacunas diante de *coisas*? Tendo a pensar que quando isso acontece, de fato a vida parece agitar-se com mais intensidade, apesar de sacudir no silêncio. Além disso, e voltando diretamente ao choro e ao riso, não são esses alguns dos momentos mais vivazes que experimentamos? Quando nosso corpo nos sacode, quase nos sufoca em soluços e espasmos, nos deforma o rosto controlado, quando ficamos à mercê, quando o corpo domina e *emudece* o sujeito, e à menor tentativa de falar já estamos embaraçosamente engasgados, no pranto ou na gargalhada: estes são momentos *infans*. Como disse anteriormente, uma criança emerge no

¹ “A criança, o *in-fans* é primeiro aquele que não fala, portanto aquele animal monstruoso (como o dizia Lyotard), no sentido preciso de que não tem nem rugido, nem canto, nem miar, nem latir, como os outros bichos, mas que tampouco tem o meio de expressão próprio de sua espécie: a linguagem articulada” (p. 170) GAGNEBIN, Jeanne-Marie. “Infância e pensamento”. In: _____ . *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

adulto e o cala. Portanto, não surpreende que aqui certos filósofos tenham esticado o riso também em direção à morte, a esse *nada* sem linguagem.

Como resume a professora Verena Alberti, na obra “O riso e o risível na história do pensamento”, ao estudar o riso no pensamento do século XX, pode-se notar que há algumas recorrências e a principal delas é que “o riso partilha, com entidades como o jogo, a arte, o inconsciente etc., o espaço do indizível, do impensado, necessário para que o pensamento sério se desprenda de seus limites [...] o riso torna-se o carro-chefe de um movimento de redenção do pensamento” (ALBERTI, 2002, p. 11). Ritter, Bataille e Nietzsche, por exemplo, criaram para o riso um lugar filosófico desejável, como sala de estar do Impensável. Joachim Ritter postulou que o riso é o redentor do pensamento. O riso chega lá aonde a razão não consegue ir, arromba os seus limites e desvela uma realidade muito “mais essencial e infinita”. O antropólogo alemão Helmuth Plessner (*Rir e chorar: uma investigação das fronteiras do comportamento humano*) diz que “quando a razão e o entendimento não conseguem responder, é o corpo que assume a tarefa de expressar a impossibilidade de resposta”. Então acessamos, de acordo com Bataille, um lugar “mais longe que o pensamento”, “abrimos o fundo das coisas”, expondo com uma tremenda gargalhada as vísceras do *nada* – movimento libertador que permite ao homem alcançar o impensável: “O riso é, portanto, a experiência do nada, do impossível, *da morte* – experiência indispensável para que o pensamento ultrapasse a si mesmo, para que nos lancemos no ‘não-conhecimento’. Ele encerra uma situação extrema da atividade filosófica: permite pensar o que não pode ser pensado” (apud ALBERTI, 2002, p. 15).

Mas esta mirada mais proveitosa do riso para o pensamento veio às custas de um deslocamento. Baudelaire, em “A essência do riso”, explica, basicamente, que o riso era maligno e que, primeiramente, foi ligado pelos ortodoxos ao acidente da queda antiga, da degradação física e moral, da fraqueza... O riso seria a manifestação sonora e convulsiva do Diabo, sendo também uma das expressões mais frequentes da loucura. Milan Kundera, sem perder a perspectiva teológica, em “O livro do riso e do esquecimento”, ameniza essas noções endiabradas, tornando divertida a figura do diabo e menos obscura a essência contraditória do riso.

Conceber o diabo como um partidário do Mal e o anjo como um combatente do Bem é aceitar a demagogia dos anjos. As coisas são, evidentemente, mais complicadas.

Os anjos são partidários, não do Bem, mas da criação divina. O diabo, ao contrário, é aquele que recusa ao mundo divino um sentido racional. [...]

Quando ouviu pela primeira vez o riso do demônio, o anjo foi tomado de estupor. Isso se passou num festim, a sala estava cheia de gente e as pessoas foram dominadas umas após as outras pelo riso do diabo, que é horrivelmente contagiante. O anjo compreendeu claramente que esse riso era dirigido contra Deus e contra a dignidade de sua obra. Sabia que tinha de reagir rapidamente, de uma maneira ou de outra, mas sentia-se fraco e sem defesa. Não conseguindo inventar nada, imitou seu adversário. Abrindo a boca, emitiu sons entrecortados, descontínuos, em intervalos acima de seu registro vocal, mas dando-lhe um sentido oposto: se o riso do diabo mostrava o absurdo das coisas, o do anjo, ao contrário, queria alegrar-se por tudo aqui embaixo ser bem ordenado, sabiamente concebido, bom e cheio de sentido. (KUNDERA, 2008, p. 76)

Seguindo na direção oposta à morte e à degradação, ao olhar o riso propriamente infantil, me encanta pensar em poder retroceder até o riso a que a filósofa Annie Leclerc se refere assim: “Riso? Alguém jamais se importa com o riso? Digo rir realmente, além da brincadeira, da caçoada, do ridículo. Rir, satisfação imensa e deliciosa, satisfação completa...”; e sobre o qual ela afirma: “rir é viver com grande intensidade” (LECLERC, 1982, p. 146). Milan Kundera, num conto intitulado “Os anjos”, ainda no “Livro do riso e do esquecimento”, mostra um homem, cujo pai está moribundo num hospital e para quem o médico declara “ele [o pai] está em coma. Seu cérebro está se decompondo”. E o filho narra que, depois da sentença, vira os grandes olhos do pai se abrir ainda maiores, e então contou

uma anedota, a qual “papai começou a rir. Ria para mostrar que seu cérebro estava vivo” (KUNDERA, 2008, p. 204). Ainda Kundera reflete, num outro momento deste mesmo conto:

As crianças não são o futuro porque um dia serão adultos, mas porque a humanidade vai se aproximar cada vez mais da criança, porque a infância é a imagem do futuro.

Ele [o presidente Husak] gritava ‘Minhas crianças, nunca olhem para trás’, e isso queria dizer que não devemos nunca aceitar que o futuro se curve sob o peso da memória. Pois as crianças também não têm passado, e é esse todo o mistério da inocência mágica de seu sorriso. (KUNDERA, 2008, p. 217)

Essa força mágica do sorriso infantil convida finalmente à evocação a *Peter Pan*, de James Barrie, personagem caro ao miolo deste ensaio, como anunciado na introdução. Sobre o riso infantil, por Kundera diretamente atrelado à falta de passado da criança e ao seu conseqüente potencial para inaugurar um novo começo na História², Barrie fabula, em *Peter Pan*: “quando o primeiro bebê do mundo riu pela primeira vez, essa risada se quebrou em mil pedaços que saíram pulando por aí, e foi assim que surgiram as fadas”. As fadas, seres mágicos cujo poder é o de influir no destino, no futuro, das pessoas, surgem do primeiro riso de cada bebê.

A Terra do Nunca e a morte

Entretanto, a Terra do Nunca, olhada com atenção, pode representar uma aventura maior do que a imagem feérica que se cristalizou, de um mundo mágico com fadas, sereias e piratas em que se pode ser para sempre criança. Uma leitura muito interessante da especialista em literatura infanto-juvenil, Kimberley Reynolds, enxerga a Terra do Nunca como metáfora para a morte.

Na compilação de artigos presentes em “Representations of Childhood Death”, livro por ela organizado, vemos mapeadas algumas formas de representação da morte de crianças desde a Idade Média até hoje. Os artigos se conectam por algumas questões como: qual é a relação entre as taxas de mortalidade infantil na ficção e na vida real? Por que a morte de crianças é mais comumente do que a de outros grupos de pessoas? Quais tendências no trato do tema podem ser identificados ao longo das modificações culturais da sociedade? Reynolds, em seu artigo³, estreita os estudos nas produções da Era Vitoriana e observa que livros que incluíam o leito de morte de crianças foram enormemente populares e diversificados na segunda metade do século XIX, e que na literatura para as crianças, a maioria dos textos de fôlego se concentravam na “boa” morte, com algum tipo de revelação da promessa de felicidade eterna, como insistia a educação religiosa. Contudo, com a mudança que os movimentos românticos e evangélicos trouxeram em relação ao pensar a criança, a representação da morte tomou novos significados e camadas de complexidade:

A morte de crianças era uma convenção literária tão estabelecida e popular que se tornou objeto de humor negro. Enquanto caía no buraco do coelho, Alice observa: ‘depois de uma queda como essa, não vou achar nada demais em levar um tombo escada abaixo!’ [...] A memorável cena em *As aventuras de Tom Sawyer* (1876), quando Tom e Huck bisbilhotam seus próprios funerais, adiciona uma dimensão carnavalesca ao registro da morte de crianças na literatura infantil, e no final do século Oscar Wilde chega a remarcar que ‘é preciso ter um coração muito forte para ler a morte de Little Nell [Dickens] e não rir’ (AVERY, REYNOLDS, 2000, p. 171)

De acordo com Reynolds, a literatura começou a parodiar o leito de morte de gêneros bem estabelecidos como fábulas moralistas, *cautionary verses* e contos religiosos, e é em algumas obras desse período, como *Peter Pan*, que podemos encontrar complexas e

² ARENDT apud LARROSA, Jorge. “O enigma da infância”. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

³ REYNOLDS, K. “Fatal Fantasies: the Death of Children in Victorian and Edwardian Fantasy Writing” in AVERY, Gillian; REYNOLDS, Kimberley. *Representations of Childhood Death*. London: Macmillan Press, 2000.

inquietantes atitudes em relação à morte infantil, em textos que de alguma forma celebram, demandam e apresentam como desejável a morte de seus protagonistas-criança, dando espaço ao imaginário de que a criança morta se torna uma criança imortal. Um palpite é o de que a matamos literariamente para conservá-la em sua perfeição e protegê-la do processo de envelhecimento e de individualização que vem com a idade. Nesse sentido, ela nunca desaparece, mas continua permanentemente disponível como criança.

Na obra de James Barrie, *Peter Pan*, ao ouvir os pais fazendo planos para quando ele crescesse, resolveu fugir de casa para não ter de crescer jamais. Ainda Reynolds: “A Terra do Nunca é para onde os bebês vão quando caem de seus carrinhos e quando seus pais ou babás não tomam conta deles com cuidado, logicamente, *ela deve ser povoada por crianças mortas*” (AVERY, REYNOLDS, 2000, 176).

- Mas onde você fica a maior parte do tempo?
- Com os meninos perdidos.
- Quem são eles?
- São os meninos que caem dos carrinhos quando a babá se distrai. Se ninguém os procura dentro de sete dias, eles são mandados para a Terra do Nunca para pagar as despesas. Eu sou o chefe. (BARRIE, 2005, p. 40)

E o próprio Barrie admite, no início do romance: “Contava-se, por exemplo, que, quando as crianças morriam, Peter Pan as acompanhava durante um pedaço do caminho, para que não tivessem medo” (BARRIE, 2005, p. 14).

Conclusão: Tudo o mais é viver

No entanto, a minha aproximação de crianças à beira da morte literária deixou, desde o ano passado, de ser o tópico principal de rebulição dos meus estudos para ser, antes, apenas um modo de chegada a um exercício que propõe pensar a infância enquanto instância de certa forma orgânica do discurso. Minha orientadora, Rosana Kohl, diz muito melhor: “Não se trata de estudar as representações da criança na literatura, mas de perceber a infância como método especulativo, como procedimento da ordem do discurso, figura ou *tropo* desencadeador de uma prática reflexiva em linguagem.”⁴ Diz ela ainda:

na lalação infantil, algo está sempre começando, em estado de eclosão, prestes a se dizer. É sobretudo como **instância do nascer**, que a criança comparece com força aos estudos literários, para ajudar a nomear o acontecimento da invenção, o **momento em que algo passa a ser** e, em mão contrária, retomando o princípio da máxima reversibilidade, para ajudar a nomear o que ainda não é, o que aporta ao mundo do que já é, uma diferença minúscula e decisiva, que pode simplesmente alterar a maneira como sentimos um espaço, um instante, um som, um afeto⁵.

O filósofo Lyotard, logo na primeira página de sua obra “Leituras de infância”, lança a frase de efeito a partir da qual desenvolverá o restante de seus ensaios: ninguém sabe escrever. O escritor é um derrotado que escreve para tentar apanhar *no* texto e *através* do texto algo que ele não sabe escrever. Haverá sempre algo que não se deixará escrever. Lyotard

⁴ BINES, Rosana Kohl. *Criar com a infância*. Seminário Estudos de Literatura: Criar sem limite? PUC-Rio 20-21 de junho de 2011, p. 7.

⁵ BINES, Rosana Kohl. *Criar com a infância*. Seminário Estudos de Literatura: Criar sem limite? PUC-Rio 20-21 de junho de 2011, p. 8. Nota da autora: “Esta frase final de meu texto incorpora trechos da obra de dois autores que me foram caros para a escrita deste ensaio, ainda que não compareçam textualmente sob a forma de citações diretas: A primeira referência recupera uma passagem do pensamento de Jean-François Lyotard: “O nascer não é apenas o fato biológico do parto, mas sob a cobertura e a descoberta deste fato, o acontecimento de uma possível alteração radical no curso que empurra as coisas a repetir o mesmo. A infância é o nome desta faculdade, tanto mais quanto aporta, no mundo do que é, o espasmo do que, por um instante, não é ainda nada. Do que *já é* mas ainda sem ser *algo*” (LYOTARD Apud. Walter Kohan. *Infância. Entre educação e filosofia*. pp. 251-252). A segunda referência alude à definição da função da arte que faz o artista visual Christian Boltanski: “Et donc peut-être que l’élément intéressant, que l’on trouve de plus en plus rarement avec des expositions, c’est d’arriver à faire simplement que les gens sentent un espace ou un moment d’une manière un peu différente” (*Christian Boltanski: Parcours D’Ombres*. Trévenans: Schraag, 2010)”.

decide batizar este algo de *infantia* – aquilo que não se fala, aquilo que não pode dizer-se a si mesmo. Uma infância, diz ele, que não é uma idade da vida e que não passa, mas que assombra discurso, mesmo que este insista em mantê-la afastada. Isto é quase tão impactante quanto condenar a criança à morte porque ela ainda não se constituiu enquanto sujeito, metáfora a que resisti no início deste ensaio.

Minha resistência não é porque considere que seja uma insensatez filosófica, mas porque considero que seja apenas metade do argumento. O pensamento bonito que acolhe a infância enquanto órgão funcional e essencial do discurso não deveria esmorecer aí, num caixão filosófico. Não pretendo forçar a barra para instituir um discurso romântico e idealizado, mas de fato penso que é preciso completar o resto do caminho. Parou-se no *nada*, mas esqueceu-se de dizer que o nada é o espaço mais fértil e possível para que algo surja. Ninguém melhor do que nós para saber o que é uma folha em branco. Algo sempre começa a partir do *nada*, a partir da morte. Já que estamos num contexto “criança”, me permito evocar essa referência (mesmo que talvez custe caro aos ouvidos a mistura de filósofos franceses com personagens de desenhos animados): Mufasa, no classiquíssimo da Disney “O Rei Leão”, ensina a Simba que todos os animais devem ser respeitados, desde a menor das formiguinhas até o maior dos antílopes.

- Mas nós não comemos antílopes?

- Sim, Simba, mas quando você morre, o seu corpo se torna grama e o antílope a come. Assim, estamos todos ligados no grande ciclo da vida.

A infância não ressoa na literatura apenas no calar e naquilo que não se consegue dizer ou que se consegue dizer apenas gaguejando, mas em todo o potencial que a literatura tem *para dizer*. Para dizer tudo.

Referências

ALBERTI, Verena. *O riso e o risível na história do pensamento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

ARENDT apud LARROSA, Jorge. “O enigma da infância”. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

VERY, Gillian; REYNOLDS, Kimberley. *Representations of Childhood Death*. London: Macmillan Press, 2000.

BARRIE, J.M. *Peter Pan e Wendy*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2005.

BAUDELAIRE, C. *Oeuvres complètes*. Paris: Editions du Seuil, 1968.

BINES, Rosana Kohl. *Criar com a infância*. Seminário Estudos de Literatura: Criar sem limite? PUC-Rio 20-21 de junho de 2011.

BLANCHOT, Maurice. *The writing of the disaster*. Nebraska: University of Nebraska Press, 1995.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. “Infância e pensamento”. In: _____. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

GOREY, Edward. *The Gashlycrumb Tinies*. Boston: Houghton Mifflin Harcourt, 1997.

KUNDERA, M. *O livro do riso e do esquecimento*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

LECLERC, Annie. *Palavra de mulher*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

LYOTARD, Jean-François. *Lectures d'enfance*. Paris: Galilée, 1991.